

O CORAÇÃO DAS ATRIZES.



ENDO o português, como é, impenitentemente amoroso na generalidade, afirma todavia, á boca cheia que a mulher de teatro do nosso meio não tem coração!... Parece, porém, que a afirmativa é gratuitamente formulada, sem razão e sem nexo, visto que a gentilíssima actriz D. Etelvina Serra, publicando em tempos um artigo intitulado «Os Comicos», procurou

completo... Assim, a formosíssima Robine tem fé nas ferraduras de cavalo, de que possui uma preciosa coleção, excluindo, é claro, aquella ferradura celebre que existe pregada atraz da porta do seu camarim. A actriz Polaire tem azar se vir uma aranha antes do meio dia. O «fetiche» da Martinguette é o celeberrimo numero 13, tanto que até o traz pendurado n'um bracelete de ouro. Marthe Regnier não compra chapen que tenha penas de pavão. Cecilia Sorol

acredita, cegamente, em bruxas e atribue á cor azul—que é a cor nefasta do ciúme—uma influencia feliz... A alegre Clara Tambour tem azar se vir um guarda-sol no seu quarto. E a falecida Gaby Deslys—que foi a velada «rainha» nocturna das Necessidades...—possuía, com o mascote, um horrendo macacão e um repelente jacaré, em honra dos quaes os cronistas parisienses escreveram longos artigos!

Mas se são assim adoravelmente ridículas as mulheres de teatro vistas pelo lado supersticioso, como serão então observadas sob o aspecto sentimental, affectivo, analisadas pelo lado da ternura, pelo lado do Amor? Como amam as actrizes? Como é a sua alma? Como é o seu coração? Serão, de facto, sinceras no affecto e ardentes na paixão ou continuarão a representar na vida a «comedia do amor», como representam, no palco, o amor de comedia?

Vejamos o que os factos preteritos nos dizem da



Francisca Bertini,
a mais formosa actriz
italiana

demonstrar através dos arrebatamentos do seu estilo feminino que a mulher de teatro portugueza possui, também, coração, e um coração muito sensível, por sinal...

Ora, como o problema me parece complexo, em extremo, deixo a sua solução ao cuidado dos «habitues» de camarim, declarando, no entanto, que—quer tenha coração quer não—a nossa mulher de teatro é ainda singularmente superstitiosa; sei de uma até—muito gentil e muito linda—que toda se enternece ao encontrar um preto ou um corcunda, na rua, o que chora, sempre, lagrimas de sangue, quando perde o lenço de assoar, porque «lenço»... é separação inevitável! Mas se bem que as nossas actrizes acreditem candidamente n'estas tolices—que o espirito sonhador da mulher se compraz em architectar—as suas colegas francesas levam-lhes vantagem nas puerilidades que engendram, pois em materia de superstição são tudo quanto ha de mais



UMA CONSTELAÇÃO DO

Gladys Cooper



Fay Compton



TEATRO INGLÊS

Miriam Sears

famosas actrizes de comédia

vida amorosa das heroínas do tablado.

Entre nós, a não ser o idílio trágico de Manuela Roy e o idílio regio de Rosa Damasco no, a vida amorosa das actrizes é despida de interesse, banal, vulgaríssima como a própria vulgaridade: namoros nos ensaios, namoros nos espectáculos, e o «conjugio vobis» da praxe, muito pacato, muito recatado, muito burguês, com o actor mais goitoso da companhia.

Quem leu «O Fogo», de Gabriel de D'Annunzio, conhece bem esse famoso drama de amor passado entre o esplendoroso poeta italiano e a grande actriz Eleonora Duse, intenso drama de paixão que comoveu toda a Itália e o mundo inteiro.

A celebre actriz trágica francesa Adriana Lecouvreur era pequenina como uma miniatura, graciosa e fragil como um Sèvres, e muito bem feita de corpo. Tomava em todos os seus papéis uma attitude tão nobre e elegante que se impunha á plateia.



Estelle Winwood,
na comédia inglesa *Home and Beauty*

Apaixonou-se, violentamente, pelo conde Maurice de Saxe, conservando-se-lhe fiel dez anos seguidos; pois ele retribuiu durante tres annos, apenas, essa fidelidade, porque se apaixonára, por sua vez, pela duquesa de Bonillon.

Marceline Desbordes, actriz-cantora do teatro Favart, de Paris, não era uma formosura de deslumbrar, mas tinha uns grandes olhos castanhos e extremamente ternos. Fazia um grande successo nas peças porque chorava lagrimas verdadeiras, emocionando os espectadores. Tendo-se apaixonado fortemente pelo literato Latouche, poz todo o seu genio ao serviço do amor e, como era poetisa de talento, cantou a sua paixão na lira, com um arrebatamento e um entusiasmo que maravilharam, pois a sua alma sentimental continuava sempre a suspirar por esse amante-infiel que a abandonára.

Aimée Desclée, do teatro do Gymnasio, de Paris, apaixonou-se louca-



A celebre atriz Mary
Pickford

mento por um capitão de couraçados. As cartas que lhe escreveu — publicadas após a sua morte sob o título «Lettres à Fanfan» — são surpreendentes de eloquência amorosa, modelares no genero, verdadeiras obras primas, como as da celebrada freira de Beja.

Entre as onze mulheres que figuram na vida amorosa de «Stendhal» — o celebre autor «De l'Amour» — contam-se três atrizes: — Virginia Kaby, que foi o seu primeiro amor; Melania Guilbert, que ele seguiu apaixonadamente a Marselha, e Angelina Be-reyter, com quem viveu maritalmente algum tempo.

Julie Carean, bailarina da Opera, foi amante de Benjamin Constant. Parece que essa ligação amorosa emocionou fundo a alma do escritor, porque, 24 anos depois do ela ter falecido, publicou a «Lettre sur Julie», uma comovedora homenagem funebre á mulher amada.

Mas o mais enternecedor idílio dos bastidores foi, sem duvida, esse entre a atriz Juliette Drouet e o imortal Victor Hugo. Aos 19 anos servia ela de modelo ao escultor Pradier. Depois foi amante do empresario Harel, que a fez debutar como atriz n'um teatro de Bruxelas, trabalhando, mais tarde, em Paris, nos teatros Odeon e Porte Saint-Martin.

Foi em 1833 — contando então Julieta 27 anos — que conheceu Victor Hugo. Era uma lindissima rapariga, muito requestada pelos admiradores do belo sexo que, entusiasticamente a admiravam e a aplaudiam nos papeis que desempenhava. Muito esbelta, muito elegante, dotada d'um sorriso afa-vel permanente, tinha em todo o seu rosto uma adoravel expressão



A atriz americana Doris Keane

de candura que encantava. Era sedutoramente palida, com uns esplendidos cabelos negros. Decotava-se muito, usando as espaduas largamente descobertas, essas espaduas famosas que Poulet-Malassie dizia serem as mais deslumbrantes de Paris. Teophile Gauthier, que era tambem seu admirador, fez d'ela um entusiastico retrato literario, e Victor Hugo afirmava, já na sua velhice, «que ela havia sido a mulher mais bela do século».

Em 1837 — na fase intensa da sua paixão — o grande poeta escrevia-lhe n'estes termos: — «Tu, minha querida Julieta, possues duas belezas juntas: a do corpo e a da alma».

Foi por ela, foi exclusivamente por essa mulher muito amada e muito amante, que o glorioso escriptor disse na sua maravilhosa obra lirica:

«Où n'insultez jamais une femme qui tombe!
Qui sait sous quel fardeau la pauvre âme succombe!»

Em 2 de fevereiro de 1833 effectou-se, no teatro da Porte Saint-Martin, a «première» da peça de Victor Hugo, «Lucrecia Borgia», desempenhada por mademoiselle George, tendo-se Julieta encarregado do papel da princeza «Negrone». N'essa noite memoravel o autor contou mais um successo e, duas semanas depois, Julieta iniciou com ele um novo romance que devia durar cinquenta annos seguidos.

Foi em 19 d'esse mesmo mez que eles tiveram a primeira noite de amor. Anos depois, evocando a data



A actriz Rosa Damasceno, poucos annos antes de falecer.



Helena Barnes, na engraçada comedia «The Five Million».



Mademoiselle Gabrielle Robinne, na peça «Cher Maître»

d'esse facto célebre para ambos, Hugo escrevia á amante: «Em 26 de fevereiro de 1802 nasci e para a vida, e em 19 de fevereiro de 1833 nasci para a ventura nos teus divinos braços, minha querida».

Ao iniciarem o idílio Julieta vivia luxuosamente instalada n'um palacete, por conta d'um príncipe russo, mas abandonou tudo para se dedicar inteiramente ao poeta.

Como Victor Hugo era casado escreviam-se, então, todos os dias longas cartas repassadas de ternura intensa.

Julieta escrevia muito bem, com elevação e sinceridade, e, como duran-

te annos, dirigira ao seu amante-poeta tres e quatro missivas diarias deixou uma extensissima correspondencia amorosa — para cima de seis mil cartas — publicada após a sua morte.

Foi uma actriz de grande talento, dotada d'um grande coração affectuoso.

Quando Victor Hugo — já velho, alquebrado, coberto do cansaço — era consolado o maior Genio da França e da raça latina pelo mundo inteiro, vivia a seu lado uma velhinha, toda embevecida por essa glorificação do grande homem.

Essa velhinha... era Julieta.

O coração das actrizes? Mas tem as actrizes coração? Não vale a pena fazer um inquerito, porque nenhuma responderia.

Camilo Castello Branco ou Fialho d'Almeida dizem, n'um dos seus livros, que se ha vida immaculadamente pantada entre o levantar e o deitar, entre o almoço e o jantar, essa vi-



Billie Burke,
a mais formosa actriz americana

da trivial, como a de uma cosinh eira, é a das actrizes portuguesas. Não ha sopros da boémia e mesmo hoje em Portugal a vida de teatro é uma profissão sem ter que se lhe diga. Só Mercedes Blasco conta as suas aventuras, em bem boa prosa por sinal, e do successo das «Memorias de uma actriz» todos se lembram ainda. Ramalho Ortigão teve uma paixão por uma actriz e a Camilo Castelo Branco não foi indifferente Laura Giordano, a quem ele fez versos de todas as medidas e em todos os tons cantou. Foi mesmo Camilo quem, com as suas poesias impressas em folha solta e distribuidas nos theatros de Porto, deu nome imorredouro á actriz italiana.

O coração das actrizes !
Existe sim, se bem que alguns despeitados de vez em quando digam e escrevam d'ele o que se tem escrito de Cristo... que o coração das actrizes nunca existiu.

2 de Março, 1921.

PATROCINIO RIBEIRO.



Juliette Drouet,
na epoca em que a conheceu Victor Hugo.